



P/BOUW

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL	
data	26, 11, 97
cod.	WWD00028

INDIOS WAI WAI: DE XAMAS A PASTORES EVANGELICOS.

Por Ruben Caixeta de Queiroz

novembro de 1991

Índice

1 - Introdução	p. 3
2 - Alguns dados sobre a tradição cultural Wai Wai e suas transformações	p. 5
3 - A conversão do líder Ewká	p. 17
4 - O mito Ewká apresentado pela missionária Irene Benson	p. 19
5 - Uma interpretação do mito Ewká e dos acontecimentos que seguiram à sua conversão	p. 23
6 - Conclusão - uma interpretação	p. 27
7 - Bibliografia	p. 31

1 - Introdução.

No começo de 1991 viajei até a aldeia dos índios Wai Wai do Rio Mapuera, norte do Estado do Pará. O meu projeto de pesquisa inicial referia-se ao estudo da relação destes índios com a natureza.

A natureza ocupa um lugar especial na dimensão simbólica da maioria das sociedades indígenas. Numa relação dialética e metafórica, os indígenas vêem no mundo físico os movimentos que eles próprios empreendem na vida social, ao mesmo tempo em que este mundo inspira a criação dos elementos cosmológicos, das regras e comportamentos de sua sociedade. É muito comum nas cosmologias indígenas os animais, as plantas e os mortos terem poderes extranaturais.

A tarefa de manter a ordem do mundo social, natural e sobrenatural é creditada aos seres humanos. Quando a ordem social é quebrada, o homem precisa "dialogar" com os seres sobrenaturais a fim de reordenar essa ruptura. Os seres sobrenaturais, embora não pertencentes à sociedade humana, estão diretamente associados a ela e fazem parte de seu sistema de regras. A ruptura entre o homem e a natureza é de certa forma temida pelos homens das sociedades indígenas.

Natureza
como
fonte de
simbolismo

O Xamã, responsável pelo "diálogo" com o mundo natural e o sobrenatural, é o encarregado de manter a ordem do mundo social, dando conselhos, relatando mitos, curando as doenças. Estas, como se pode perceber, não são vistas simplesmente como um distúrbio físico, mas como um sintoma de que alguma ordem e regra social foi quebrada e de que a ordem natural e sobrenatural deve ser "ouvida" a fim de que o equilíbrio seja reestabelecido.

Na sociedade Wai Wai, a incapacidade de curar uma doença significava uma ruptura do diálogo entre os homens e seus espíritos e, num futuro não distante, isso representaria a morte do seu povo. Fui para a aldeia dos Wai Wai querendo entender esta relação e achava que deveria começar exatamente pelo ritual de cura, o lugar onde o Xamã consulta os seres sobrenaturais, lança mão de elementos naturais (as plantas medicinais) e aplica sanções no plano da vida social (o enclausuramento, as sanções morais, as críticas em público). Encontramos no ritual de cura um diálogo intenso entre o homem, a natureza, a sobrenatureza e a cultura¹.

No entanto, uma vez chegando na aldeia percebi que este diálogo tinha sido de alguma forma interrompido. Não mais existia a figura do Xamã, os mitos não eram mais contados e no lugar da utilização de plantas medicinais do local, encontramos uma farmácia cheia de remédios alopáticos.

Esta transformação ocorreu em virtude da ação de uma Missão protestante norteamericana - a MEVA (Missão Evangélica da

¹ -----A relação homem-natureza em populações indígenas tem sido discutida em trabalhos interessantes como o de Reichel-Dolmatoff (1976), Descola (1988) e Hug-Jhones (s/d).

Amazônia) - que aí está presente desde o final da década de quarenta.

ruptura do diálogo dos wai-wai com a natureza

Como não havia possibilidade de estudar o diálogo dos Wai Wai com a natureza, passei a estudar exatamente a ruptura deste diálogo e como os missionários conseguiram interferir na ordem simbólica da cultura destes índios, transformando-os de Xamãs a pastores evangélicos.

2 - Alguns dados sobre a tradição cultural Wai Wai e suas transformações?

a) O passado não-presente.

Entre 1945 e 1955, a equipe de antropólogos do Danish National Museum realizou uma expedição de pesquisa às aldeias dos índios Wai Wai, no norte do Brasil e sul da Guiana Inglesa. Desta expedição, resultou importantes trabalhos sobre a cultura material e a filosofia social destes índios, como o de Fock (1963) e o de Yde (1965). Estes pesquisadores puderam observar e relatar-nos como era a cultura Wai Wai antes que os missionários a tivessem transformado profundamente.

Relatos da cultura antes da chegada dos missionários.

Os Wai Wai, um grupo Karib, viviam dispersos na região fronteiriça entre o Brasil e a Guiana, nas cabeceiras dos rios

² -----Os dados apresentados neste item foram recolhidos por mim em pesquisa de campo realizada nos meses de janeiro e fevereiro de 1991 e complementados pelas informações contidas nos trabalhos de Meggers (1977), Fock (1963) e CEDI (1983).

Essequibo e Mapuera. Viviam em várias pequenas aldeias, baseadas na autonomia do grupo local e sem a formação de uma consciência tribal mais abrangente. Cada aldeia era formada por uma população entre 20 e 100 pessoas. Quando ocorria conflitos entre membros de um mesmo grupo local, então acontecia a divisão e a formação de uma nova aldeia, sob uma nova liderança. Em geral, os Wai Wai construíam uma nova aldeia a cada 4 ou 5 anos, seja pelo motivo apontado acima, seja pelo esgotamento dos recursos naturais mais próximos, seja devido à morte do líder do grupo.

Em cada aldeia havia uma única casa comunal, dividida internamente entre as famílias nucleares. Externamente, haviam duas outras construções: uma destinada ao trabalho de processamento da mandioca e usada somente pelas mulheres e a outra destinada ao uso exclusivo dos homens e hóspedes.

Em 1977 Meggers dizia que entre os Wai Wai "os seres humanos, os animais e algumas plantas têm almas ou espíritos cujos hábitos podem vir a ser perigosos. A alma humana não está ligada permanentemente ao corpo, durante os primeiros anos de vida, de modo que a criança corre o risco de morrer devido à perda da alma. Os pais devem, portanto, tomar precauções para que tal não aconteça"³. Na verdade, a criança recém-nascida ainda não era considerada um ser humano. Talvez por esse motivo é que a prática do infanticídio, em certos casos, tivesse a sua lógica na cultura Wai Wai⁴.

³ -----Meggers (1977:118).

⁴ -----O infanticídio ocorria entre os Wai Wai quando havia o nascimento de gêmeos ou quando as quatro crianças anteriores eram do mesmo sexo. Ver sobre isso em Meggers (1977:115). A missionária que hoje está entre estes índios nos relatou com muita ênfase essa prática antiga entre os

Em cada aldeia haviam entre 3 e 5 pessoas que exerciam ao mesmo tempo a liderança política e religiosa. Esta liderança era escolhida consensualmente pelo grupo e recaía sobre aqueles que reuniam a sabedoria e o prestígio. Na língua wai wai, este líder é chamado de Yaskamo e aqui o traduzimos como Xamã. O Xamã tinha a tarefa de organizar festas, receber e alimentar hóspedes, organizar projetos coletivos, curar os doentes, prognosticar chuvas e uma boa caçada, entre outras coisas. Veremos mais a frente que a presença e a forma em que se dava a instituição do líder político e religioso entre os Wai Wai contribuiu enormemente para a eficácia da ação missionária.

A cura dos doentes era realizada através dos espíritos da natureza e por intermédio dos Xamãs. A doença - o "espírito mau" instalado no corpo da vítima - deveria ser tratada numa sessão de cura. Em contato com os espíritos da natureza, o Xamã ficava sabendo quais os procedimentos que deveriam ser tomados para que o doente pudesse ser curado: quais as restrições morais e comportamentais deveriam ser seguidas e quais ~~as~~ plantas medicinais deveriam ser utilizadas. Toda a responsabilidade pela cura era depositada na figura do Xamã. A morte de um paciente representava a fragilidade do seu poder e, mais cedo ou mais tarde, ele seria vítima de algum mal que lhe levaria à morte.

Guiados pelos sonhos que ocorriam durante a noite, os Xamãs organizavam caçadas na manhã do dia seguinte e apontavam para os outros índios o lugar onde deveriam caçar. Se, por

Wai Wai, na tentativa de demonstrar-nos como eles não eram humanos e para justificar a sua evangelização e a pregação da "palavra de Jesus Cristo".

exemplo, um determinado Xamã possuísse o espírito do porco do mato, ele sonharia com estes porcos e o lugar onde os índios pudessem os encontrar em bastante quantidade. O próprio Xamã jamais poderia participar diretamente destas caçadas ou comer do animal que fosse o seu espírito.

O sonho constituía uma dimensão importante na filosofia social dos Wai Wai. Ele não representava uma entidade separada da realidade. Os seres humanos e suas almas se misturavam aos animais, à natureza e suas almas, às necessidades de sobrevivência, ao sobrenatural, e tudo se misturava aos sonhos e à realidade. Na luz do dia, o sonho estava presente. Na noite, a vida cotidiana iluminava os sonhos. O sonho representava uma viagem noturna que acontecia como as outras coisas aconteciam durante o dia. Hoje em dia, os Wai Wai acreditam que viviam, antes do contato com os missionários e com a "palavra de Jesus", na escuridão das profundezas dos sonhos e sem a realidade. Por isso, justificam, viviam eternamente com o medo do sobrenatural em forma de doença e morte. É compreensível que hoje eles realizem expedições à procura de índios isolados, incentivados pelos missionários, pois acreditam que eles precisam ser "salvos" do medo à diferença, das doenças, da morte e de tudo aquilo que acreditam fazer parte de um passado vivido na escuridão.

Os Wai Wai mantinham relações de amizade e comércio com alguns grupos tribais vizinhos. Com outros, promoviam guerras com o intuito de "conquistar" mulheres ou fazer vingança a alguma feiticeira. Aliás, as mulheres sempre foram consideradas para o povo Wai Wai, nas palavras de Mentore (1987), fonte de poder e

riqueza. Nas visitas pacíficas, realizavam casamentos interétnicos, trocavam conhecimentos e técnicas e adquiriam o que mais apreciavam: cachorros, papagaios e contas de vidro. Como diria Howard (1990), espelhando nestes objetos que a natureza não consegue degradar, os Wai Wai se sentiam, e se sentem, imortais.

De todo esse processo de contato interétnico, surgiu a fusão e a união de vários grupos diferentes. A aldeia que visitamos no começo de 1991 era composta por diferentes etnias: Wai Wai, Katuena, Hixkaryana, Xereu, Mawayana, Tiriyó, Karafawyana, Wapixana, Tunayana, entre outros. Os índios nos informaram que atualmente quase não existe mais Wai Wai "original" entre eles. Isto teria acontecido não somente por causa de uma "tradição" cultural destes povos em se fundirem e se dividirem. Fock (1963:6-7) conta-nos que no final do século passado os Wai Wai teriam sido praticamente dizimados em virtude de doenças levadas pelos brancos e de guerras entre grupos inimigos, o que teria os forçados a realizarem casamentos entre si como forma de sobrevivência física⁵.

O processo de fissão e fusão entre diversas etnias teria continuado não fosse a intervenção missionária na região no final da década de 40 deste século. Três irmãos americanos da

⁵ -----A população Wai Wai teria se recomposta durante o início do século XX. Uma epidemia de sarampo teria novamente provocado uma depopulação por volta da década de 40. Porém, os outros grupos que chegavam à região tradicionalmente habitada pelos Wai Wai e se juntavam aos seus sobreviventes, abandonavam sua língua e autodenominação original e passavam a usar aquelas dos Wai Wai. Além disso, a Missão usou a língua Wai Wai para "evangelizar" índios que falavam outra língua. Tudo isso deve ter feito com que hoje em dia muitos índios que pertenciam a outros grupos étnicos se considerem como Wai Wai.

"Unenvagelized Fields Mission" chegaram na Guiana Inglesa no ano de 1945, organizaram mais tarde a missão "Kanashen" - que na língua wai wai quer dizer Deus ama você - e atraíram para este lugar vários grupos indígenas de diferentes etnias que se encontravam na região dos rios Nhamundá e Mapuera, do lado brasileiro.

A Missão - que hoje se denomina MEVA (Missão Evangélica da Amazônia) - introduziu vários novos elementos na cultura Wai Wai e forçou os índios a abandonarem os comportamentos e valores tradicionais que acabamos de descrever. Antes de apontarmos estes novos elementos e a situação dos índios hoje, vamos falar rapidamente sobre os aspectos da cultura Wai Wai que persistem, apesar da presença missionária.

b) O passado presente.

A agricultura praticada pelos Wai Wai segue o sistema de "coivara". O produto básico cultivado e consumido é a mandioca. Existem perto de 14 produtos diferentes à base da massa de mandioca e 13 tipos de bebidas preparadas com seu suco. A maioria destes produtos é servida com peixe (sendo os mais apreciados o trairão, o tucunaré, o pacu e a piranha). Além da mandioca, existem outros produtos que são cultivados na roça: a batata-doce, o inhame, a abóbora, a banana, o abacaxi e a cana-de-açúcar. Coleta-se basicamente a castanha do Pará, a bacaba, o buriti e a pataúá. Os Wai Wai comem quase todo tipo de carne animal: o macaco (Guariba, Prego e, sobretudo, o Coatá), o veado,

a anta, a iguana, o catitú, a paca, o tatu, o jabuti, o tucano, o mutum, o jacamim, entre outros.

A divisão sexual do trabalho é bastante definida. Os homens derrubam a mata para o plantio, constroem casas, coletam, caçam, pescam, fazem artesanatos e ornamentos para festas, arcos e flechas, redes, flautas, chocalhos e canoas. As mulheres plantam, colhem, processam a mandioca, fazem cerâmica, artesanatos, apanham lenhas, preparam comidas e bebidas. Tanto os homens como as mulheres cuidam das crianças menores, remam canoas e transportam cargas.

Um dos elementos mais importantes da cultura tradicional que ainda persiste é a estrutura de parentesco. O sistema de descendência é bilateral, com tendência matrilinear. A residência é uxorilocal, sendo que o genro deve prestar serviços para o sogro no primeiro ano de casamento.

Outro aspecto importante para a manutenção da identidade Wai Wai é o ritual descrito por Howard (1987) que se denomina Pawaná. Neste ritual, que acontece quando uma aldeia recebe a visita de índios de uma outra aldeia, os Wai Wai celebram o seu sentimento de "superioridade" em relação aos outros grupos étnicos, ridicularizando os visitantes - que podem ser Wai Wai de outras aldeias ou outro grupo indígena - e os colocando ao nível do que consideram seres inferiores (como os animais, as mulheres) ou os tratando como pessoas idiotas e sem o senso de ridículo. Na interpretação de Howard, este ritual demonstra o desejo que os Wai Wai têm em "WaiWainizar" o outro.

Em síntese, podemos dizer que os Wai Wai mantêm vários elementos de sua cultura tradicional: A prática do ritual Pawaná, o uso de sua língua materna, a defesa de um território ligado aos seus antepassados, o sistema de parentesco, a cooperação entre os membros da família, a forte divisão sexual do trabalho, as obrigações e deveres ligados ao sistema de parentesco, as relações de amizade e solidariedade entre parentes e grupos de idade.

c) A situação dos Wai Wai hoje.

Os dados mais recentes sobre os Wai Wai foram publicados por Mentore (1987) na revista MAN. Segundo este autor, a população total está estimada em 1137 pessoas, vivendo em quatro aldeias separadas: Shepariymo no alto do Rio Essequibo, Guiana (total:137); Kasmiyawku no Rio Nova, Brasil-Roraima (total:200); TitokMeri no Rio Jatapuzinho, Brasil-Roraima (total:54); e Ysamna no Rio Mapuera, Brasil - norte do Pará (total:755).

No entanto, estes dados já estão ultrapassados como podemos observar na viagem que fizemos à área em janeiro e fevereiro de 1991. Depois de um ataque de malária em Kasmiyawku que provocou várias mortes, os índios desta aldeia resolveram abandoná-la e migraram ou para a aldeia do Jatapuzinho ou para o Mapuera. Portanto, hoje não existe mais a aldeia Kasmiyawku e a população de Yasmna e de Titokneri é bem maior do que aquela estimada por Mentore. Em um censo feito pela Missão em 1990

apontava para 980 pessoas vivendo na aldeia do Mapuera. Não tivemos informações mais precisas sobre os Wai Wai que habitam a aldeia da Guiana.

A aldeia que visitamos este ano foi a do Rio Mapuera. A sua população está bem isolada em relação à sociedade nacional. Só é possível chegar lá por barco ou avião. São duas horas de voo de Manaus e 4 horas de Belém. Da comunidade regional mais próxima que é Cachoeira-Porteira, leva-se de 4 a 8 dias a remo para se chegar a aldeia. Apesar desta dificuldade de acesso, os índios, principalmente os homens e os mais jovens, realizam constantes viagens às outras aldeias em Roraima e Guiana e às grandes cidades, como Manaus, George Town e Belém. Nestas viagens, que podem levar meses, os índios vendem seus artesanatos e prestam serviços temporários com o intuito de ganhar um pouco de dinheiro que lhes possibilite adquirir produtos que precisam ou admiram: roupas, rádios, gravadores, etc. Atualmente existe um projeto de construção de uma usina hidrelétrica próxima à região e os índios vêem com bons olhos a possibilidade de terem trabalho nas obras e mesmo a facilidade de acesso às cidades que será possibilitada com a formação do lago e inundação das cachoeiras que hoje dificultam a navegação no Rio Mapuera.

A castanha do Pará, a farinha de mandioca e os artesanatos são praticamente os únicos produtos que os índios vendem aos regionais e que lhes possibilitam comprar mercadorias da sociedade nacional que foram incorporados aos seus hábitos de consumo: o sal, o açúcar, o sabão, as roupas, etc.

Os diversos grupos étnicos que moram na aldeia de Mapuera tem o wai wai como língua geral. Porém, cada etnia tem um dialeto próprio que é utilizado pelos seus membros quando comunicam-se entre si. A exceção do grupo Mawayana que é Aruak, todos os outros grupos são Karib e seus dialetos são inteligíveis entre si. Muitos destes dialetos não são mais utilizados. Praticamente nenhuma mulher, criança ou velho fala o português. Somente alguns jovens entre 16 e 25 anos conseguem aprendê-lo, quando visitam as cidades.

Existe na aldeia uma escola de alfabetização em português e em wai wai. Segundo a missionária, quase todos são capazes de ler e escrever alguma coisa em wai wai, mas têm muita dificuldade com o português. Além da missionária, os professores da escola são 2 índios Wai Wai contratados pela FUNAI e 10 índios voluntários, também Wai Wai.

Foi construída na aldeia, também no estilo das casas tradicionais dos Wai Wai, uma grande Igreja. Ali realizam-se três cultos por semana: um durante a manhã de quarta-feira, um no fim de tarde da sexta-feira - limitado à participação das mulheres - e o outro no domingo. Este último é o maior deles e vai das 8 horas da manhã até às 14 horas. Neste culto, além das rezas, os pastores dão conselhos relativos às normas de comportamento que devem ser seguidas (como, por exemplo, a condenação do adultério), dão informações sobre os acontecimentos que precederam à missa (como, por exemplo, uma reunião realizada com os representantes da FUNAI) e dividem tarefas para serem realizadas durante a semana em trabalhos coletivos (como, por

exemplo, a limpeza da pista de pouso da aldeia). São 12 pastores, denominados Kamunimune, que formam uma espécie de conselho político dirigido por um "tuxaua" geral. Quase todos índios possuem uma Bíblia. A Missão já traduziu o novo testamento para a língua wai wai e encontra-se em fase final de tradução do velho testamento.

A farmácia existente na aldeia é mantida em parte pela FUNAI e em parte pela Missão. Os dois atendentes de enfermagens, índios Wai Wai que foram treinados pela MEVA e contratados pelo município de Oriximiná, realizam todo o atendimento médico possível de ser feito na aldeia: prestam serviços de primeiros socorros, aplicam vacinas, extraem dentes, diagnosticam doenças e receitam remédios. Os doentes considerados graves são levados para Roraima ou Manaus em aviões da FUNAI ou da ASAS DO SOCORRO*. Os Wai Wai praticamente abandonaram o uso de plantas medicinais e os rituais de cura, sendo que por qualquer motivo recorrem aos recursos e remédios alopáticos da farmácia, que são em geral bastante escassos.

A aldeia de Mapuera é composta por várias dezenas de casas construídas em estilo tradicional (algumas poucas ao modelo dos regionais), dispersas desordenadamente no espaço e aglomeradas segundo as etnias. A exceção da sede da FUNAI, todas as outras construções assemelham-se ao estilo tradicional: a escola, a farmácia e as três casas utilizadas pela missionária que vive no

* ASAS DO SOCORRO é uma entidade filantrópica e religiosa que fornece serviços de comunicação (uso de rádios e aeronaves) e assistenciais às missões religiosas que atuam em áreas indígenas.

local e seus parentes e membros da Missão que a visitam de vez em quando.

A intervenção missionária trouxe profundas modificações na organização social e política e na filosofia social dos Wai Wai. As principais mudanças apontadas pela publicação do CEDI (1983:241) foram: 1) o abandono da casa comunal por habitações familiares; 2) a substituição de um sistema político baseado na figura do Xamã por um conselho de lideranças formado por pastores "crentes"; 3) a concentração da população em grandes aldeias, acarretando o esgotamento dos recursos necessários à sobrevivência do grupo e a sua dependência de produtos da sociedade ocidental⁷; 4) a apropriação de instrumentos e hábitos da sociedade ocidental (motores de popa, machado de ferro, roupas, anzóis, etc) e consumo de açúcar e sal; 5) a proibição da realização de festas, danças e rituais nos quais eram servidas bebidas fermentadas e alcoólicas; 6) a substituição da mitologia e conhecimentos tradicionais pelos cultos cristãos e pelos ensinamentos da Bíblia; 7) a proibição da poligamia, do infanticídio, a luta contra o divórcio e contra as práticas e proibições alimentares.

Vamos agora relatar o processo que levou a estas transformações.

⁷ -----A concentração da população Wai Wai em apenas três aldeias também trouxe um "vazio populacional" nas terras tradicionalmente ocupadas por estes índios, dificultando assim o domínio de seu território e facilitando a sua invasão pelas frentes de expansão da sociedade nacional.

3 - A conversão do líder Ewká.

Por volta de 1947-1948, os irmãos Hawkins, três missionários protestantes norte-americanos que já trabalhavam com os índios Macuxi em Roraima, realizam uma viagem até aos índios Wai Wai que estavam em movimento de migração do rio Mapuera para o rio Essequibo na Guiana Inglesa (CEDI:1983:231).

Para se comunicarem com estes índios, os missionários utilizaram-se da tradução feita por um índio Wapixana que falava, além de sua língua, o inglês e o wai wai. O jovem líder Ewká, devido ao seu poder e prestígio junto ao seu povo, foi o alvo escolhido pelos missionários com o intuito de fazer-se, através dele, a propagação da "palavra de Deus".

No primeiro contato, os índios ficaram curiosos para conhecer o mundo dos brancos, suas crenças e hábitos. Dispostos a compreender "esse mundo", Ewká deu ouvidos às palavras dos missionários. Provavelmente os Wai Wai nunca tinham visto criaturas tão diferentes e nunca tinham passado por transformações tão profundas como aquelas que seguiram à chegada destes homens. Por volta desta época, uma epidemia de sarampo quase dizimou este povo⁸. Os Xamãs não conseguiam curar os doentes e seu poder estava desacreditado. Os missionários prometiam "salvar" os Wai Wai com remédios da medicina ocidental e com uma nova religião. Os pregadores diziam que "o mundo acabaria numa enorme fogueira e que poderiam mostrar o caminho da salvação para uma vida melhor". Propunham que o líder Ewká

⁸ Esta informação me foi transmitida através de depoimentos orais da missionária Irene Benson e de índios Wai Wai.

abandonasse suas crenças e garantiam que ele não morreria por isso, como dizia a tradição de seu povo. Se ele morresse, os missionários deixariam a aldeia. Caso contrário, estaria provado que a superioridade de Jesus seria mais forte do que os espíritos dos Wai Wai e eles deveriam aceitar a nova religião. (CEDI:1983:233). No entanto, Ewká não queria abandonar facilmente as suas tradições e resistiu às pregações por quase 5 anos. Até que um dia ele teve de ceder às evidências e coações que lhe eram colocadas.

Ewká sempre foi considerado pelos outros índios como sendo uma pessoa curiosa, inteligente e que sabia que precisava entender o mundo dos brancos e apropriar de suas armas como única forma de salvar a vida de sua gente. Hoje, Ewká está bastante velho e doente e, como a maioria dos índios que presenciaram a chegada da Missão, não gosta de falar do passado. No entanto, a história de sua conversão ao protestantismo e a evangelização dos Wai Wai pode ser compreendida através de versões destes acontecimentos, que nos são relatadas em forma de mitos, apresentadas por alguns índios e pelos próprios missionários.

No começo deste ano pude recolher uma destas versões que, ao meu modo de ver, é bastante rica e esclarecedora do que aconteceu com os índios Wai Wai na final da década de 40. Esta versão é ainda mais significativa, pois nos foi dada pela própria missionária Irene Benson que chegou à aldeia uns 7 anos depois dos acontecimentos e está presente entre estes índios até hoje. Apesar da sua preocupação em não demonstrar a interferência direta da Missão no processo de modificação da cultura Wai Wai,

podemos interpretar a partir deste depoimento, sem correr o risco de emitir julgamentos prévios e sem muita dificuldade, que a Missão atuou decisivamente no sentido de forçar para que os índios abandonassem suas práticas tradicionais e aceitassem a nova ordem colocada pela evangelização.

4 - O mito Ewká apresentado pela missionária Irene Benson.

"Ewká foi um pajé, um pajé muito forte. Ele fazia todo tipo de pajelança, curandeirismo, xamanismo, etc. Ele era o chefe e o pajé. Isso indicava que ele era o líder civil e o líder religioso. Ele tinha 18 anos, era bem jovem e já era um líder natural. Algumas pessoas nascem assim. Então, quando os missionários chegaram e queriam aprender a língua, Ewká foi um dos que se prontificou a ensinar só para ver o que eles estavam querendo. Quando os missionários falavam de Jesus Cristo e tudo mais, isso foi totalmente diferente de tudo que Ewká já tinha ouvido falar. Então, ele ficou pensando, Ewká foi um homem que pensava muito, muito mesmo. Ele começou a cantar hinos que os missionários traduziram para o wai wai.

Como pajé, Ewká nunca queria maldizer as pessoas, só queria ajudar se alguém estava doente. Outros índios falavam: você deve aprender como maldizer as pessoas também, você precisa saber isso para te proteger! Mas Ewká não queria isso.

A sua história é comprida. Havia uma criança que estava doente. Ewká tentava ajudar essa criança com toda a pajelança que

sabia e a criança morreu. Ele não sabia o porquê. Talvez por causa de mim, eu não sei tudo de ser pajé, pensava ele. Um pouco mais tarde, outra pessoa ficou doente, ele fez a mesma pajelança e ela melhorou. Agora eu não entendo nada, uma vez funciona, outra não funciona, dizia ele. Então, Ewká começou a ter dúvida se a pajelança era a resposta final de tudo.

Um dia ele estava falando com os missionários: Eu não sei porque as coisas não estão funcionando! O missionário então respondeu-lhe: Você tem que decidir em que rumo vai, eu acho que os dois não vão juntos não!⁹ Ewká às vezes ia cantar cânticos dos espíritos (dos índios), às vezes ia cantar os hinos da Igreja. As vezes ia fazer pajelança, às vezes ia orar. Ele estava misturando os dois. Até que um dia ele decidiu que ia deixar a pajelança e ia ser crente.

Ninguém sabia o que iria acontecer se ele fizesse isso, pois até aquela ocasião, todo mundo que tinha deixado a pajelança tinha morrido. Ewká fez aquilo pensando que ia morrer. Havia um pajé que tentou curar a sua esposa, fez todo tipo de pajelança para ela melhorar, ela não melhorou e morreu. O pajé ficou com raiva, pegou a cesta, jogou na mata, tudo caiu, as pedras, tudo¹⁰. No próximo dia, ele pensou: eu não deveria ter feito aquilo. Ele foi procurar sua cesta e não achou as pedras. Ele ficou com medo, voltou para casa dele, deitou na rede dele, virou de costas, virou para parede e as pessoas disseram que ele

⁹ A missionária nos mostra, é lógico, uma versão onde o missionário aparece apenas como um "guia espiritual". Na verdade, ouvimos em outras versões deste mito que Ewká era constantemente exortado a abandonar as suas crenças.

¹⁰ O Xamã carregava consigo uma cesta cheia de talismãs que ele usava em seus rituais de cura.

simplesmente morreu. Naquele dia, não, mas ele não comia mais, não bebia mais..... Ele pensava: eu vou morrer. Ele perdeu toda a vontade de viver. Outro pajé não queria deixar de ser pajé. Ele estava passando numa cachoeira, a canoa bateu em qualquer pedra e a cesta dele afundou e ninguém mais achou. Então, ele morreu.... de medo.... ou de outra coisa....¹¹.

Então, Ewká e todo mundo, todo o povo falava: Está provado, todo pajé que deixa a pajelança vai morrer. Era dito e feito, como quarta vem depois de terça-feira e quinta vem depois de quarta. Ninguém vai perguntar que dia é amanhã. E quinta, ontem foi quarta. Para eles é tão claro assim: você era pajé, você deixa a pajelança, você vai morrer, não tem outro jeito. Então, Ewká fez a decisão dele sabendo disso, que ia morrer. Um dia ele decidiu que não queria mais a cesta dele dentro da casa...

Naquela época, os índios tinham festas onde bebiam bebidas muito forte. Pessoas de uma aldeia iam convidar pessoas de outra aldeia. Ewká, disse para o missionário: Eu não quero fazer mais este tipo de festa, mas o meu povo quer festa, o que posso fazer? Então ele respondeu: Vocês sabem fazer outro tipo de bebida que não é alcoólica, que não é forte, vamos fazer isso e vamos ter um tempo só de brincadeiras, vamos ver quem pode correr mais rápido, pular mais alto, flechar melhor, vamos só brincar e

¹¹ Os dois casos de morte relatados acima tratam-se provavelmente de suicídio. Na tradição Wai Wai, quando o Xamã não consegue curar um doente e vê o seu poder fracassado, então ele se suicida. Casos como este podem ser encontrados em várias culturas indígenas. O caso atual de suicídios de vários índios Caiuá em Mato Grosso guarda uma semelhança com o que aconteceu com os Wai Wai.

ter uma festa assim¹². Foi decidido que durante esta festa Ewká iria fazer a decisão na frente de todo povo.

Haviam pessoas que não gostavam desta decisão. A esposa dele não queria de jeito nenhum e ela disse: olha, nossos filhos vão morrer e você vai ser o culpado. Durante o primeiro ano os índios diziam que qualquer coisinha que acontecia com o Ewká eles pensavam que ele iria morrer. Então, como pajé, Ewká nunca podia comer carne de porco do mato "maior". Esse era o seu espírito especial. Depois que ele fez a decisão (de abandonar a pajelança) os porcos sumiram daquela região e todo mundo ficou com raiva dele: Olha, antigamente estes porcos eram especiais para você, eles chegavam e a gente comia muito, agora eles sumiram e nós estamos sofrendo muito. Qualquer coisa que era anormal naquele ano era culpa do Ewká: se chovia demais, se não chovia, tudo era culpa dele. Ewká realmente sofreu bastante.

No fim do ano, quando as pessoas já estavam pensando se era possível deixar a pajelança e não morrer, os porcos apareceram na área. Ewká pegou um arco e 2 flechas, pulou numa canoa e atravessou o rio. A sua esposa gritava: não vá que os

¹² Novamente a missionária conta-nos uma versão em que a decisão de abandonar costumes tradicionais foi dos próprios índios. Sabemos, entretanto, que os missionários sempre procuraram impedir de alguma forma que suas festas fossem realizadas. Os Wai Wai promoviam festas por vários motivos: o casamento de alguém, a construção de uma nova aldeia, a comemoração de uma boa caçada, etc. Elas aconteciam constantemente e em qualquer época do ano. Hoje em dia, são realizadas apenas duas festas: uma acontece durante a semana de natal e a outra na semana da páscoa. Nestas festas, os índios promovem danças tradicionais e aquelas "brincadeiras" relatadas pela missionária. Além disso, acontece a comemoração de eventos, tais como o descobrimento do Brasil e o dia da Bandeira; ocasião em que as crianças aprendem a marchar e cantar o hino nacional do Brasil.

porcos vão te matar! Mais tarde a esposa chamou o pai: vamos lá, vamos achá-lo, os porcos vão matá-lo mesmo, mas vamos pelo menos trazê-lo para enterrar. Chegando lá, Ewká tinha matado 2 porcos e disse: olha, meu bem, eu teria matado mais, mas eu tinha só duas flechas Ele não podia matar e nem podia comer carne, apenas podia sonhar e dizer para os outros onde os porcos estavam. Os outros podiam ir lá, matar e comer.

Ewká matou os porcos, os levou para a aldeia, fez o trabalho de limpar e tudo aquilo que não podia fazer como pajé. Enquanto sua esposa estava cozinhando, todo mundo chegou para ver se Ewká tinha mesmo matado o porco. Ewká achou que tudo estava bem passado e orou: Meu Pai, eu não tenho medo mais, eu acho que eu não vou morrer; para mostrar para este povo que está ao meu redor, eu vou comer esta carne e peço agora que você me proteja de qualquer coisa. E ele comeu, e ele não morreu e foi bem lá que o seu poder de pajelança foi quebrado".

5 - Uma interpretação do mito Ewká e dos acontecimentos que seguiram à sua conversão.

O mito da conversão de Ewká pode nos ajudar a compreender como que antigos Xanãs deixaram suas práticas e crenças, passaram a ser pastores evangélicos e como a maioria dos índios Wai Wai se tornou "crente".

Os missionários souberam compreender os mecanismos de funcionamento da cultura Wai Wai e, por isso, tinham os instrumentos necessários à sua evangelização. No entanto, não

podemos superestimar esse poder e subestimar a capacidade que os Wai Wai tiveram em compreender o que acontecia com eles, o que desejavam os brancos e quais as ações deveriam tomar visando sua sobrevivência física e cultural. Neste sentido, o entendimento do papel que a doença teve nestes acontecimentos é de fundamental importância para que possamos saber o campo de ação disponível aos missionários e aos índios.

Soubemos que uma epidemia de sarampo provocou a morte de grande parte dos índios na época em que a Missão os encontrou. As práticas xamanísticas tradicionais não funcionavam diante dessa doença fatal que se alastrou entre os Wai Wai. Os Xamãs não conseguiam explicar através de seus conhecimentos o que estava acontecendo. Os rituais e as plantas medicinais tradicionalmente utilizadas não surtiam efeito no combate às doenças trazidas pelos brancos (a gripe, a coqueluche, o sarampo, etc.). Na confirmação do fracasso do poder dos Xamãs, de acordo com a tradição wai wai, eles se suicidavam.

A doença era considerada pelos Wai Wai, como já disse, não como um mero distúrbio físico, mas era vista como um "mau espírito" que invadia o corpo da pessoa e causava uma desestruturação no plano da ordem social e simbólica. A epidemia de sarampo desencadeou uma profunda confusão nos diversos planos da vida Wai Wai. Neste momento os missionários apresentaram uma nova "ordem espiritual" - o cristianismo. Esta nova ordem não era totalmente incompatível com os padrões de organização política dos Wai Wai, ou seja, o líder político e espiritual - o Xamã -

seria transformado no líder político e religioso cristão¹³. Mas não era só isso. Contra as doenças até então desconhecidas pelos Wai Wai, os missionários ofereciam os medicamentos alopáticos que, naquele caso, eram os únicos eficazes. O poder espiritual e material do homem branco parecia ser mais forte do que o poder dos espíritos dos Wai Wai.

Depois de 5 anos, o jovem líder Ewká se convenceu desta situação e se dispôs a ajudar os missionários a levar a nova religião às outras aldeias Wai Wai e aos outros grupos étnicos. Ewká foi enviado a várias expedições com o objetivo de trazer os índios que se encontravam do lado brasileiro para a aldeia criada na Guiana, já que a Missão considerava pequeno o número de índios até então evangelizados. Assim dizia um missionário na época:

"provavelmente existem outros 200 índios do outro lado da fronteira do Brasil, e é neles que estamos realmente interessados. Os poucos índios cristianizados da Guiana atuam apenas como semente propagando a Palavra para eles. Entretanto, estamos tentando convencer os índios brasileiros a abandonar suas aldeias e vir morar aqui. Oferecemos-lhes facas, espelhos, miçangas, tudo o que apreciam. Enviamos mensageiros através das fronteiras para contar-lhes que aqui viveriam muito melhor". (CEOI:1923:233).

Quando os missionários chegaram e construíram a Missão-aldeia Kanashen, por volta de 1943, haviam apenas 45 índios no local. Dezito anos depois já haviam mais de 450 índios

¹³ Atualmente os pastores Wai Wai desempenham papéis muito semelhantes àquales que eram desempenhados pelos antigos xamãs: eles são os responsáveis ao mesmo tempo pela realização dos cultos religiosos, pela liderança política, pelos conselhos gerais e manutenção das regras e comportamentos sociais. Os pastores, como os antigos xamãs, devem ser pessoas que têm o dom da palavra e saibam fazer discursos convincentes.

pertencentes a diferentes etnias¹⁴. Desde essa época, e até hoje, os Wai Wai realizam expedições à procura dos índios "não-evangelizados" e "sem contato".

Em 1980, os Wai Wai procuraram e encontraram os índios Karafawana, que achavam-se isolados, e os trouxeram para suas aldeias. Em 1985, os Wai Wai integraram-se a uma frente de pacificação dos índios Waimiri-Atroari. Mais recentemente, eles fundaram uma nova aldeia próxima a um lugar onde acreditam haver mais índios Karafawana e onde possam encontrá-los. Todo ano, realizam de 2 a 3 expedições com o objetivo de entrar em contato com possíveis índios "isolados". Quando perguntamos o porquê destas expedições, os Wai Wai nos respondem: acreditamos que estes índios devem estar doentes e sofrendo muito.

Para os Wai Wai, viver isolado e no meio da mata hoje em dia é viver sem ter acesso aos medicamentos e outros bens da sociedade ocidental, representa viver sob o medo do desconhecido, fugindo de um mundo que deve e pode ser compreendido e incorporado às suas vidas¹⁵. As expedições teriam, então, um duplo objetivo: oferecer aos índios isolados a salvação física e

¹⁴ Informação pessoal fornecida pela missionária Irene Benson. Mesmo antes da presença missionária na região, como já dissemos, haviam várias pequenas aldeias pluriétnicas, já que existiam intercassamentos entre os diferentes grupos. A diferença é que a Missão promoveu a concentração da população em poucas aldeias.

¹⁵ A farmácia cheia de medicamentos tem um significado especial para os índios da aldeia de Mapuera: é símbolo de poder apropriado dos brancos. Estes índios não deixam de utilizar um medicamento alopático por uma planta medicinal ou pela realização de um ritual de cura. Crianças pela aldeia brincando com restos de medicamentos utilizados (seringas, vidros e caixas de papel), vidros de remédios dependurados como decoração dentro das casas, tudo isso, é representativo do que a medicina ocidental ocupa na vida dos Wai Wai.

espiritual, levando-os os remédios alopáticos e a "palavra de Jesus Cristo"¹⁶.

Podemos interpretar os acontecimentos que seguiram à chegada da Missão à luz do que hoje vemos como uma obsessão dos Wai Wai em encontrar os índios isolados a fim de levá-los medicamentos e o "evangelho". Quando os missionários chegaram em 1948, os Wai Wai ficaram doentes fisicamente e os Xamãs não compreendiam a desordem social e simbólica que disso decorreram. Neste instante, lhes eram oferecido a salvação através da medicina e da religião ocidental. Estes acontecimentos provocaram profundos transtornos na vida destes índios, causaram a morte de muitos parentes, a mudança abrupta de um referencial simbólico e o abandono de crenças e valores tradicionais. Os Wai Wai não querem hoje falar de seu passado e destes acontecimentos a não ser através do mito que contamos.

6 - Conclusão - uma interpretação.

Podemos dizer que, em geral, os trabalhos sobre a atuação missionária junto aos povos indígenas têm conduzido à duas interpretações diferentes. A primeira delas acentua o caráter coercitivo empregado pelos missionários e os mecanismos

¹⁶ Gregor (1982:290-296) diz que os índios Mehináku do Xingu desprezam os índios "selvagens", considerando-os como seres não-humanos e estando numa escala muito abaixo daquela que eles estão, da que estão os outros índios xinguanos, os brasileiros e mesmo os macacos - estes considerados na sua mitologia como seres humanos. Os "selvagens" são vistos como bárbaros que matam outros índios, matam crianças, etc. No entanto, diferentemente dos Wai Wai, os Mehináku têm um profundo medo destes índios e jamais sairiam à sua procura.

1º caráter
coercitivo
da
mudança

2º caráter
mudança
como incor-
poração da
visão de
mundo do
outro

que são utilizados por eles no sentido de criar uma dependência de tal forma que os índios não teriam alternativas e seriam obrigados a aceitar a nova ordem colocada. / Na segunda interpretação, o foco de atenção está voltado para a organização social e a cosmologia das populações indígenas, procurando nestas instâncias uma "abertura" à "visão de mundo" trazida pelos missionários e pontos coincidentes entre esta visão de mundo e a do nativo, como, por exemplo, as escatologias¹⁷.

Estas duas interpretações têm, ao meu modo de ver, um ponto em comum: os índios são considerados em segundo plano como sujeitos concretos em uma ação política pautada pela racionalidade. E como se os missionários tivessem um poder absoluto e os nativos não fossem capazes de questioná-lo.

Propomos uma interpretação do caso Wai Wai que vai em uma direção diferente daquelas que acabamos de apontar. Propomos uma ruptura com a oposição entre ordem simbólica e ordem prática. Marshal Shalins (1975) nos alerta sobre este ponto a fim de que o antropólogo não se perca entre antigos dualismos como materialismo e idealismo:

"Nenhuma forma cultural pode ser interpretada a partir de um grupo de forças materiais, como se o cultural fosse a variável dependente de uma inevitável lógica prática... Não é que as forças materiais e limitações materiais sejam deixadas de lado ou que elas não produzam efeitos reais na ordem cultural. É que a natureza dos efeitos não pode ser interpretada a partir da natureza das forças porque os efeitos materiais dependem de sua

¹⁷ Ver os trabalhos de Menezes (1984), Moore (1984), Rappaport (1984), Roberto (1983), Shapiro (1987), Neves (1976), Arnaud (1984), Monnier (1984). Para uma leitura mais aprofundada sobre este debate ver os artigos publicados nas revistas América Indígena (vol. XLIV, n.1, 1984) e Ethnologist (vol. 14, n.1, 1987).

localização cultural. A própria forma de existência social da força material é determinada por sua integração no sistema cultural. A força pode então ser significativa - mas a significação é, precisamente, uma qualidade simbólica. (1979:227).

Ao analisar o papel que a doença teve no processo de "evangelização" dos Wai Wai, procuramos chamar atenção para o fato de que não existia um nível (material ou cultural) que foi determinante para a eficácia da ação missionária, pois a doença representava e trazia para os índios ao mesmo tempo uma coerção de ordem simbólica e material. Diante do fracasso das práticas xamanísticas e da utilização de plantas medicinais na cura de novas doenças, os missionários apresentavam uma nova religião e remédios alopáticos. Podemos dizer que este evento modificou a vida dos Wai Wai, mas a partir de um "filtro" cultural e político.

A nossa interpretação não vê os índios como atores impotentes diante da ação missionária, mas como atores de fato que observam, interpretam e procuram tirar vantagem de uma situação que lhes era colocada. Não estamos com isso querendo negar o poder coercitivo que os missionários dispunham, ou dizer que os Wai Wai não deixaram de ser o que eram mesmo após estes acontecimentos, como uma certa interpretação baseada na teoria da identidade poderia sugerir. Ao contrário, compreendemos que ocorreu uma transformação estrutural na cultura Wai Wai, mas esta transformação se deu a partir de um esquema cultural preexistente. Quando Salhins (1990) analisa o acontecimento em que os nativos havaianos haviam recebido o Capitão Cook - um explorador inglês - como um Deus e em seguida o mataram, ele nos sugeriria que este

acontecimento representava simbolicamente que a cultura havaiana estava sendo transformada com a chegada de elementos externos, mas a partir de seus significados. Na abertura de seu livro Ilhas de História, Salhins (1990:7) diz que: "A história é ordenada culturalmente de diferentes modos nas diversas sociedades, de acordo com os esquemas de significação das coisas. O contrário também é verdadeiro: os esquemas culturais são ordenados historicamente porque, em maior ou menor grau, os significados são reavaliados quando realizados na prática". E conclui mais abaixo: "É nesses termos que a cultura é alterada historicamente na ação".

A cultura se transforma a partir de elementos externos, mas segundo os seus próprios significados

Quando os missionários chegaram, e colocaram coerções materiais e "espirituais, os Wai Wai interpretaram este acontecimento e deram uma solução a partir de significados preexistentes na sua cultura. A incorporação de uma lógica do mundo ocidental - através da "evangelização" - modificou a cultura Wai Wai e trouxe novas relações de poder entre os grupos tribais vizinhos. Quando os Wai Wai se apropriaram das contas de vidro européias, muito antes da chegada dos missionários, e perceberam que a natureza não conseguia degradá-las, eles se sentiram imortais. O cristianismo parece ter lhes dado uma imortalidade mais absoluta. Hoje, "evangelizados", pastores, consumidores da medicina ocidental, se sentem superiores aos outros grupos étnicos que não tiveram acesso a este "mundo eterno" e que vivem na escuridão das matas, das trevas. Por isso, sentem-se, como missionários e colonizadores, com o dever de salvar os "pobres" índios isolados, procurando-os no meio da

selva a fim de levar até eles os medicamentos que os salvarão da doença e o evangelho que os salvará do medo e dos pecados, transformando-os em seres imortais.

7 - Bibliografia.

ARNAUD, Expedito.

1984 Os índios Palikur do Rio Urucauá: tradição tribal e protestantismo. Belém, Museu Goeldi.

BENSON, Irene Marie.

1982 Levantamento: Ficha preenchida com inf. referentes a aldeia Mapuera. Sem pub.

CEDI- Centro Ecumênico de Documentação e Informação.

1983 Povos Indígenas do Brasil - norte do Pará/Amapá. Carlos A. Ricardo - Coordenador. CEDI/S.P.

COLSON, Audrey B. and HEINEN, H. Dieter (eds.).

1986 "Themes in political organization: the caribs and their neighbours". *Antropologica*, 59-62/1983-1984, Fundación la Salle, Instituto Caribe de Antropologia e Sociologia.

COUDREAU, Henry.

1899 "Voyage au Nhamundá" (21 janvier 1899-27 juin 1899). Paris, A. Lahure.

DAYTON, Edward.

1978 "Uma estratégia para a evangelização do Brasil". in *Religião e Sociedade*, 3, Rio de Janeiro, p. 215-228.

DESCOLA, Philippe.

1988 *La Nature Domestique: Symbolisme et praxis dans l'Écologie des Achuar*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de L'Homme.

- EVANS, Clifford et MEGGERS, Betty.
- 1955 "Life among the Wai Wai Indians". in National Geographic Magazine, s.l.
- FARIA, Enoque O. de & RIEDLE, Florence.
- 1979 Ficha preenchida com inf. referente aos Wai Wai. s.pub.
- FOCK, Niels.
- 1963 Wai Wai: Religion and society of an amazonian tribe. Copenhagen, National Musets Skrifter.
- FUNAI
- 1978 "Wai Wai". in Revista de atualidade indígena, 1, (10), s.l.
- GREGOR, T.
- 1982 Os Mehinaku. São Paulo. Companhia ed. Nacional.
- HOWARD, Catherine.
- 1990 "Trade beads, mens's Oratory and women's sexuality among the Wai Wai of northern Amazonia". s/ed.
- 1967 "Pawana: exchange and the negotiation of identity among the Wai Wai of northern Amazonia". s. ed.
- 1986 "Os índios Wai Wai fundam uma nova aldeia na procura dos índios arredios". s. ed.
- HUGH-JONES, Stephen.
- s/d "The pleiades and scorpius in barasana cosmology". in Annals New York Academy of Sciences.
- MAYNARD, Kent.
- 1988 "On protestants and pastoralists: The segmentary nature of socio-cultural organization". in MAN, V.23, N.1, março de 88.

MEGGERS, B.

1977 Amazonia: A Ilusão de um Paraíso. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira.

MENEZES, Cláudia.

1984 Missionários e Índios em Mato Grosso: os Xavantes da reserva de São Marcos. Tese apresentada à FFLCH-USP.

MENTORE, George.

1987 "Wai Wai Women: the basis of wealth and power". in MAN, v.22, n.3, setembro de 87.

MEVA - Missão Evangélica da Amazônia.

1982 "Relatório semestral das missões religiosas em áreas indígenas". s.ed.

MICEB - Missão Cristã Evangélica do Brasil.

1980 "Relatório de atividades na aldeia Mapuera". s.ed.

MONNIER, Alain.

1984 "Evangelization Estructural: el ejemplo de los Mashco' del sureste peruano". in América Indígena, v. XLIV, n 1.

MOORE, Thomas R.

1984 "El ILV y una tribu recién encontrada: la experiencia Amarakaeri". in América Indígena, v. XLIV, n 1.

NEVES, Luiz Baeta.

1976 O Combate dos Soldados de Cristo na Terra dos Papagaios: colonialismo e repressão cultural. Rio de Janeiro, ed. Forense Universitária.

RAPPAPORT, Joanne.

1984 "Las misiones protestantes y la resistencia indígena en el sur de Colombia". in América Indígena, v. XLIV, n 1.

REICHEL-DOLMATOFF, Serardo.

1976 "Cosmology as ecological analysis: a view from the rain forest". in MAN, n.s. II (3).

RIVIÈRE, P.

1984 Individual and Society in Guiana. Cambridge, Cambridge University Press.

ROBERTO, Maria de Fátima.

1983 Salvemos nossos Índios. Tese apresentada ao IFCH-UNICAMP.

SAHLINS, Marshal.

1979 Cultura e Razão Prática. Rio de Janeiro, Zahar editor.

1990 Ilhas de História. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor.

SHAPIRO, Judith.

1987 "From Tupã to the land without evil: the christianization of tupi-guarani cosmology". in American Ethnologist. n.1, v.14.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo.

1985 "Sociedades Minimalistas: A Propósito de um Livro de Peter Rivière". in Anuário Antropológico 85, Brasília, UNB/Tempo Brasileiro.

YDE, Jens.

1965 Material culture of the Wai Wai. Copenhagen, National Museum of the Denmark.